

A APCP e os investigadores e as investigadoras doutorais. Entrevista com Madalena Meyer Resende, Presidente da Associação Portuguesa de Ciência Política, por Paula Duarte Lopes

Paula Duarte Lopes e Madalena Meyer Resende



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/eces/8645>

DOI: 10.4000/120ro

ISSN: 1647-0737

Editora

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

Reférenceia eletrónica

Paula Duarte Lopes e Madalena Meyer Resende, «A APCP e os investigadores e as investigadoras doutorais. Entrevista com Madalena Meyer Resende, Presidente da Associação Portuguesa de Ciência Política, por Paula Duarte Lopes», *e-cadernos CES* [Online], 40 | 2023, posto online no dia 15 julho 2024, consultado o 20 julho 2024. URL: <http://journals.openedition.org/eces/8645> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/120ro>



Apenas o texto pode ser utilizado sob licença CC BY 4.0. Outros elementos (ilustrações, anexos importados) são "Todos os direitos reservados", à exceção de indicação em contrário.

A APCP E OS INVESTIGADORES E AS INVESTIGADORAS DOUTORAIS.

ENTREVISTA COM MADALENA MEYER RESENDE, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE CIÊNCIA POLÍTICA, POR PAULA DUARTE LOPES

AVEIRO, 1 DE JUNHO DE 2024

A Associação Portuguesa de Ciência Política (APCP) criada em 1998 tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento e consolidação da Ciência Política e das Relações Internacionais em Portugal. A sua principal atividade tem sido a organização de um congresso bienal. O décimo primeiro congresso decorreu em 2023 na Universidade da Beira Interior (Covilhã). Desde 2008 que a APCP definiu uma estratégia evidente de diversificação territorial dos eventos que promove, organizando alternadamente o congresso, ora em Lisboa, ora fora da capital. Esta tem-se revelado uma estratégia bem-sucedida, facilitando o envolvimento direto de diferentes instituições de ensino superior na vida da Associação, bem como a participação mais alargada de docentes, investigadores e investigadoras e doutorandos e doutorandas dessas zonas geográficas.

A par desta estratégia, a APCP tem, nos últimos anos, procurado envolver de forma mais direta e regular os investigadores e investigadoras doutorais das áreas disciplinares e temáticas abrangidas pela Associação, nomeadamente, no âmbito das suas secções: Relações Internacionais, Estudos Europeus, Administração e Políticas Públicas, Governação e Política Local, Estudos Africanos, Partidos Políticos. Esta estratégia teve início em 2008 com a criação do Prémio APCP para a melhor Dissertação de Doutoramento nas áreas de Ciência Política e Relações Internacionais.

No âmbito do último Congresso da APCP, em 2023, a Direção decidiu promover a organização de painéis temáticos mobilizando a participação de investigadores e investigadoras doutorais e solicitando aos comentadores e às comentadoras uma

abordagem mais pedagógica nas suas intervenções. Durante o atual mandato (2023-2025), a Direção decidiu assumir a organização das 1^{as} Jornadas Doutorais APCP (que decorreram a 31 de maio e a 1 de junho de 2024 na Universidade de Aveiro), alargando uma iniciativa que partiu de uma colaboração entre o Instituto de Ciências Sociais e a Universidade de Aveiro com as restantes instituições de ensino superior nacionais que oferecem programas doutorais em Ciência Política e Relações Internacionais.

Esta dinâmica vai ao encontro das estratégias adotadas por diversas associações estrangeiras e transnacionais de apoio e integração de jovens investigadores e investigadoras doutorais. Para melhor percebermos como a APCP se posiciona neste quadro de investigação doutoral, conversámos no dia 1 de junho de 2024, em Aveiro, com a atual Presidente da Associação, Professora Doutora Madalena Meyer Resende, Professora Associada com Agregação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Paula Duarte Lopes (PDL): Enquanto Presidente da APCP, quais foram as razões que a levaram a definir uma estratégia especificamente dirigida a jovens investigadores e investigadoras doutorais da área da Ciência Política e das Relações Internacionais?

Madalena Meyer Resende (MMR): A Associação nasceu com o propósito de criar uma escola nacional na área das Ciências Políticas, juntando as várias instituições que, desde o fim da ditadura, foram progressivamente criando cursos de Ciência Política e Relações Internacionais. A certa altura já era de facto um grupo interessante – o ISCSIP [Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa], a Universidade do Minho, a Universidade Católica, a Universidade Nova de Lisboa, a Universidade de Aveiro, entre outras – e criou-se um número significativo de cursos nesta área. A APCP veio, dentro do grupo mais sénior de fundadores da disciplina, fazer esse papel de agregadora e, de uma maneira bastante feliz, conseguiu congregiar todas as escolas. Essa tarefa foi consolidada. Nós já somos uma segunda geração de cientistas políticos que continua esse trabalho, mas penso que em qualquer associação, como em qualquer comunidade, há um grande desafio que é de mobilizar a geração seguinte e integrá-la nestes projetos. E não é óbvio que se consiga fazer isso se não houver atividades específicas com esse propósito. É necessário que a próxima geração se conheça entre si, conheça os seus trabalhos e se habitue a dialogar. Foi, portanto, nesse sentido que, desde o princípio do meu primeiro mandato [2021-2023], este aspeto tomou centralidade. Assim, promovemos a integração de jovens investigadores e

investigadoras a nível doutoral e pós-doutoral, primeiro no Congresso da APCP, em 2023, na Covilhã, no sentido de se organizarem painéis específicos para atrair esta nova geração e, agora em 2024, com as Jornadas Doutorais da APCP. Estas iniciativas foram instituídas esperando que sirvam exatamente para fazer com que as pessoas se conheçam, independentemente das escolas onde estão e que aprendam a dialogar, o que também é essencial para que a Ciência Política se consiga desenvolver. A ideia é, portanto, acabar com escolas muito fechadas sobre si mesmas. Obviamente que as escolas se especializam, têm lentes teóricas diferentes, têm tipos de abordagens distintas, mas eu penso que o avanço se faz quando estas escolas conseguem falar umas com as outras e criticamente avançar conhecimento.

PDL: No último Congresso [2023] já foram incluídas algumas sessões que abordavam questões de desenvolvimento de carreira, novamente, mais dirigidas a jovens investigadores e investigadoras doutorais. Nas Jornadas Doutorais também teve lugar uma sessão específica sobre carreiras. Como vê o papel da APCP nesta dinâmica de desenvolvimento de carreira desta próxima geração?

MMR: Eu acho que o tempo do doutoramento é um tempo de bastante incerteza e há de facto um grande hiato entre esta fase em que a pessoa está a estudar, se está a especializar, e a perceção de uma carreira posterior, que é muitas vezes incerta. Acho muito importante que haja diálogo com estes jovens investigadores e investigadoras sobre este assunto, que haja troca de experiências. Não só porque em Portugal há várias lógicas em simultâneo em termos de carreira, e isso é percecionado, e deve ser transmitido. Há que perceber as lógicas institucionais. Faz sentido que a contratação seja feita, em parte, com base na capacidade intelectual e de investigação que demonstraram durante o doutoramento, mas, também, com base em todo o acumulado em termos da capacidade de trabalho em equipa, de ensino, da comunicação para além da academia. Tudo isso são qualidades obviamente benéficas. Julgo que esta geração tem essa perceção, mas é bom que se torne estas caracterizações explícitas.

Nesse sentido, na Jornadas Doutorais, decidimos abordar essa questão, não só no nosso contexto nacional, mas também com o contexto internacional em mente. Pensamos fazer uma publicação com o testemunho de várias carreiras de diferentes professores e professoras para demonstrar a diversidade de caminhos que existem na academia. Sentimos a necessidade de demonstrar o que tem sido a capacidade de adaptação, a capacidade de persistência, a capacidade de invenção da nossa geração que também é importante transmitir à próxima geração, para que não fique a ideia de

que é uma carreira apenas determinada pela capacidade de fazer uma boa publicação. É importante partilhar que há outras qualidades que também interessam.

PDL: Estas 1^{as} Jornadas Doutorais tiveram a capacidade de atrair jovens investigadores portugueses e investigadoras portuguesas a fazer o doutoramento no estrangeiro. Esta parece ser uma iniciativa que, logo na sua primeira edição, consegue ter uma natureza transnacional, proporcionando uma teia de contactos além-fronteiras. Qual a importância deste aspeto para o papel da APCP?

MMR: É muito interessante criar esta rede entre colegas, também nesta fase mais júnior. É uma coisa que nós tendencialmente fazemos ou fazíamos enquanto doutorandos e doutorandas num contexto muito internacional. E, às vezes, era um bocadinho desenquadrado e muito pouco estruturado. Penso que esta estruturação, no sentido de dar oportunidade, dar voz, dar capacidade de diálogo aos vários jovens investigadores e investigadoras doutorais é preciosa, até como recurso psicológico. No fundo, há aqui uma criação de uma certa identidade coletiva, e a APCP quer apoiar este processo. A carreira académica é dura e muito solitária e as pessoas sentem essa fragmentação de forma muito extrema durante o doutoramento.

PDL: Alguns investigadores e algumas investigadoras doutorais que participaram no Congresso na Covilhã [2023] e agora nas Jornadas Doutorais [2024] partilharam que sentem que nestes últimos anos se tornaram visíveis para a APCP e que não sentiam isso antes. Podiam ser sócios e sócias, mas participavam de forma anónima. Mas, desta vez, sentiram que “apareciam” enquanto grupo e que tinham ganho visibilidade nesse sentido. Qual a sua perceção sobre este aspeto?

MMR: Era exatamente disso que estávamos à procura. Que eles e elas sentissem, percebessem que não são invisíveis. Muitas vezes as pessoas pensam que são invisíveis e não são. Todos concordamos que quando fomos contratados para a academia em Portugal, a nossa reputação já existia. Se calhar não tínhamos essa noção. Penso que é útil que os doutorandos e as doutorandas percebam que os esforços que vão fazendo, que o empenho que põe nas coisas não passa despercebida. Não há nada pior nestas fases difíceis do que a pessoa se sentir muito sozinha.

PDL: No futuro, em termos nacionais, a APCP pode vir a ter algum papel nas dinâmicas de definição de políticas de financiamento a nível doutoral, nomeadamente com a Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT)? Vê algum espaço que possa ser mobilizado no sentido de uma articulação nesta matéria?

MMR: A Associação sempre evitou tornar-se uma associação profissional. E a participação direta no estabelecimento das regras de atribuição das bolsas de doutoramento poderia ser uma maneira encapotada de isso acontecer. Obviamente que essas estruturas criam redes e, de certa maneira, relações de poder, uma vez que integram algumas pessoas e não outras. Mas eu penso que a Associação se deve manter afastada desse papel também para não ser instrumentalizada. Obviamente que depende muito da sensibilidade da Direção, mas parece-me que essa perceção tem de ser fortalecida.

PDL: Estas iniciativas dirigidas a jovens investigadores e investigadoras doutorais foram bem-sucedidas. Considera que são para manter, que foram apenas uma dinâmica exploratória, qual é a ideia da Associação?

MMR: A ideia é que sejam instituídas. O congresso é bienal e queríamos estabelecer essas iniciativas no ano seguinte ao congresso. Penso que estas jornadas são o formato mais produtivo, no sentido em que é uma atividade dedicada a um grupo específico, mas que também nos agrega, a nós da Direção. Os colegas da Direção foram generosos com o seu tempo e participaram ativamente na concretização do programa. Desta vez, felizmente, e também por desprendimento de elementos da Direção, integrou-se um evento que já tinha sido realizado e alargou-se a outro nível. A sua reafirmação passa por ser organizado nas várias instituições nacionais, para além da Universidade de Aveiro, onde nasceu.

PDL: Estas iniciativas já são marcantes, mas não posso deixar de perguntar se, no que resta deste mandato [2023-2025], há outras ideias, outros aspetos que considera que seria importante explorar ou dinamizar, nesta lógica de integração de jovens investigadores e investigadoras doutorais?

MMR: Há um outro aspeto que estou a tentar desenvolver que é a relação com as outras associações de Ciência Política fora de Portugal, especialmente aquelas com as quais haja mais afinidades. Já temos, há bastante tempo, um convénio com a Associação Espanhola de Ciência Política. Agora em julho [2024], passaremos a ter um com a

Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP). Os colegas brasileiros costumam apresentar painéis no nosso Congresso e nós vamos fazer o mesmo este ano, no Congresso da ABCP em Salvador da Baía. Também temos um convénio com a Associação polaca. Depois há também a participação mais instituída com a IPSA [International Political Science Association] que vai realizar um congresso intercalar em setembro [2024] em Lisboa, o qual penso que também será um momento importante de reafirmação da nossa Associação e de Portugal como país hospitaleiro para este género de eventos. Penso que isto tem um efeito importante mobilizador da nossa comunidade. Portanto, espero que a Associação continue a ter um representante no Conselho Executivo da IPSA e que se mantenha conectada, eventualmente, promovendo a integração em outras associações como a ECPR [European Consortium for Political Research], a ISA [International Studies Association], entre outras. Os nossos associados e as nossas associadas também vão sozinhos a estes eventos científicos, mas é importante existir um apoio institucional e que haja, nessas conferências, um certo cunho nacional [com painéis organizados pela APCP, trazendo visibilidade para a comunidade nacional], o que acho muito importante.

PDL: Algum outro aspeto que considere importante destacar?

MMR: Acho que a tradição de apolíticação da Associação tem sido mantida, bem como a equidistância com as várias escolas, o que nem sempre é muito fácil. Haver pontes com as várias escolas e que se sintam parte da Associação é fundamental. Eventualmente, [considerar] expandir a Direção para outras escolas, mas o motivo [para esta reflexão] é para que não haja exclusões, ou mesmo autoexclusões.

PDL: Agradeço desde já a disponibilidade e a generosidade do tempo da Presidente da APCP, Professora Doutora Madalena Meyer Resende. Fica ainda a informação relativa ao [XII Congresso da APCP](#) a ter lugar nos dias 6, 7 e 8 de março de 2025 no Iscte – Instituto Universitário de Lisboa e cujas propostas de painéis e comunicações estão abertas até dia 21 de outubro de 2024.

MADALENA MEYER RESENDE

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa | Instituto Português de Relações Internacionais, Universidade Nova de Lisboa
Av. de Berna, 26 C, 1069-061 Lisboa, Portugal
Contacto: madalena.resende@fcsh.unl.pt
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9521-245X>



PAULA DUARTE LOPES

Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra | Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra

Avenida Dr. Dias da Silva, 165, 3004-512 Coimbra, Portugal

Contacto: pdl@fe.uc.pt

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1723-077X>